

Crítica e jornalismo na Belle Époque carioca

Tania Regina de Luca



Trincheiras da crítica literária. O crítico José Veríssimo nos circuitos jornalísticos da belle époque carioca
Rachel Bertol
Circuito/Faperj
272 páginas
R\$ 52,00

O livro *Trincheiras da crítica literária* é a versão retrabalhada da tese de doutoramento da professora Rachel Bertol, da Universidade Federal Fluminense (UFF), defendida em 2016 no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Os primeiros pressupostos, a partir dos quais o leitor é convidado a entrar na obra, explicitam os objetivos e os desafios metodológicos que ultrapassam a recolha e análise da produção de José Veríssimo (1857-1916), autor que já conta com significativa fortuna crítica. De fato, a atuação do crítico é o fio de Ariadne que permite revisitar os circuitos de circulação cultural vigentes na passagem do século XIX para o XX, o que pressupõe inserir suas colaborações não apenas na geografia do jornal, mas também considerar as complexas relações entre as posições defendidas e a linha editorial do veículo e, ainda, as transformações na própria prática jornalística, aí incluídos a crítica literária e os papéis que lhe foram atribuídos no período.

Para tanto, ao lado dos diferentes títulos para os quais Veríssimo escreveu, a autora mobilizou um conjunto versificado de fontes, algumas inéditas, a exemplo das cartas que ele trocou, por vários anos, com o diplomata Oliveira Lima (1867-1928). Já as inspirações teóricas são discutidas de forma detida na primeira parte, que também apresenta o personagem, a atuação no Pará, onde nasceu, a chegada ao Rio de Janeiro em 1891, o círculo de amizades e a maneira como vivenciou o esmaecimento da crítica literária oitocentista frente ao crescente prestígio da reportagem, personificada em João do Rio (1881-1921), por ele caracterizado como um “repórter sem cultura”.

Na segunda parte, flagra-se a atuação do recém-chegado no *Jornal do Brasil*. A rápida ascensão do republicano no cotidiano monarquista é instigante por explorar convergências improváveis, mas possíveis no conturbado contexto da época, revisitado a partir de ampla análise do periódico, em sintonia com a proposta metodológica, adotada pela autora para todos os impressos analisados. Em fins de 1891, o jornal de Rodolfo Dantas estampou a primeira crítica de Veríssimo.

Se o livro *A educação nacional* (1890), que lançou ainda em Belém, foi o passaporte para adentrar

no jornalismo e postar-se ao lado dos críticos do regime republicano, a análise da produção editorial contribuiu para firmar o seu nome e permitiu-lhe relançar a *Revista Brasileira* (1895-1899), que logo se tornou polo agregador da intelectualidade, tanto que foi na sua redação que se discutiu a fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL). A autora bem ressalta a importância do impresso, que permaneceu como modelo matricial de revista literária e cultural, fonte de inspiração para congêneres, a exemplo da *Revista do Brasil* (1916).

O crítico rigoroso colecionou admiradores, mas também se envolveu em controvérsias que lhe valeram não poucos desafetos. Se Veríssimo ocupou as páginas do vetusto *Jornal do Commercio* (1899), cabe destacar que foi recrutado quando da fundação de dois importantes veículos do campo oposicionista: o *Correio da Manhã* (1902) e *O Imparcial* (1912), o que bem atesta o prestígio granjeado e o destemor de assumir posições. Acusado de não ser suficientemente patriota, pecado também atribuído a Machado de Assis (1839-1908), autor que resenhou com rara sensibilidade, foi alvo de ataques mordazes de Silvio Romero (1851-1914). Sua sinceridade custou-lhe a amizade com Euclides da Cunha (1866-1909), a favor de quem intercedeu para a publicação de *Os sertões* e cuja resenha pautou parte significativa das apreensões posteriores da obra.

Os embates acerca da concepção e da função da atividade crítica, as polêmicas por conta das resenhas, o prazer e os dissabores que os juízos que emitia despertavam, no mais das vezes confidenciais na correspondência, permitem distinguir clivagens no campo intelectual, que ganham densidade analítica graças à perspectiva metodológica adotada. A proposta não se limita a brincar o leitor com a trajetória de Veríssimo, o que já seria muito meritório, mas também restitui a complexidade e as ambiguidades do ambiente e das instâncias culturais do período, dentre as quais o jornalismo – e mais particularmente a crítica literária – ocupava o centro da cena.

Tania Regina de Luca é professora do Departamento de História da Unesp e autora do livro *A ilustração (1884-1892). Circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro* (Unesp/FAPESP, 2018).